

**A COMPREENSÃO DE TIRAS NÃO VERBAIS POR JOVENS  
COM TRISSOMIA DO CROMOSSOMO 21**

*Simone Neri da Silva* (UESB)

[nerimones@hotmail.com](mailto:nerimones@hotmail.com)

Emanuelle de Souza Silva Almeida (UESB)

[emanuelenanet@hotmail.com](mailto:emanuelenanet@hotmail.com)

*Giulia Castellani Boaretto* (UESB)

[gcbmonitoria@gmail.com](mailto:gcbmonitoria@gmail.com)

*Rayana Thyara de Lima Rêgo Ladeia* (UESB)

[rayanaladeia@gmail.com](mailto:rayanaladeia@gmail.com)

*Carla Salati Almeida Ghirello-Pires* (UESB)

[carlaghipires@hotmail.com](mailto:carlaghipires@hotmail.com)

**RESUMO**

As tiras são consideradas um subtipo de história em quadrinhos nas quais o humor e o sentido são estabelecidos por meio de recursos verbais e não verbais (MARCUSCHI, 2008). A utilização da linguagem não verbal é importantes porque estimula a estruturação do pensamento e a produção da linguagem. Este trabalho objetiva refletir acerca da compreensão de tiras não verbais por jovens com Trissomia do cromossomo 21, identificando as dificuldades existentes e elencando as estratégias de intervenção mais efetivas. Como fundamentação teórica foram utilizados os pressupostos da Linguística textual e Teoria Histórico Cultural. Os participantes são oito jovens integrantes do grupo “Fala Down” vinculado ao Laboratório de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Os dados foram coletados durante encontros realizados semanalmente durante um trimestre, via *Google Meet*, com duração de uma hora. A pesquisa, de abordagem qualitativa, utilizou em suas transcrições as normas conversacionais propostas por Marcuschi (1995). Inicialmente, houve a apresentação e discussão dos acontecimentos expressos nas tirinhas e, em seguida, as pesquisadoras entrevistaram, fazendo novos questionamentos. Os resultados evidenciaram a dificuldade dos jovens com T21 em analisar a figura em sua totalidade e compreender o sentido da tira. Após a intervenção das pesquisadoras com o fornecimento de pistas, os participantes realizaram associações importantes ampliando a compreensão. Acreditamos que a interação e a presença de um contexto problematizador contribuem para que os jovens trissômicos avancem na compreensão do sentido e das relações constituídas a partir elementos verbais e não verbais presentes nas tiras.

**Palavras-chave:**

Compreensão. Tiras. Trissomia do cromossomo 21.

**ABSTRACT**

The strips are considered a subtype of comics in which humor and meaning are established through verbal and non-verbal resources (MARCUSCHI, 2008). The use

of non-verbal language is important because it stimulates the structuring of thought and the production of language. This work aims to reflect on the understanding of non-verbal strips by young people with Trisomy 21, identifying the existing difficulties and listing the most effective intervention strategies. As theoretical foundations, the assumptions of Textual Linguistics and Cultural Historical Theory were used. The participants are eight young members of the “Fala Down” group linked to the Laboratory of Research and Studies in Neurolinguistics at the State University of Southwest Bahia. Data were collected during meetings held weekly during a quarter, via Google Meet, lasting one hour. The research, with a qualitative approach, used in its transcriptions the conversational norms proposed by Marcuschi (1995). Initially, there was a presentation and discussion of the events expressed in the strips and, then, the researchers intervened by asking new questions. The results showed the difficulty of young people with T21 in analyzing the figure in its entirety and understanding the meaning of the strip. After the re-searchers' intervention with the provision of clues, the participants made important associations, expanding understanding. We believe that the interaction and the presence of a problematizing context help young people with trisomics to advance in the understanding of the meaning and the relationships constituted from verbal and non-verbal elements present in the strips.

**Keywords:**

Strips. Understanding. Chromosome 21 trisomy.

## **1. Introdução**

As Tiras são consideradas um gênero textual que utilizam predominantemente uma linguagem informal, diálogos curtos e recursos verbais específicos que se unem à linguagem não verbal, conferindo sentido e comunicando algo (Cf. MARCUSCHI, 2008). Em geral, o autor faz uso da linguagem verbal e não verbal, mas pode haver situações em que se utiliza apenas o desenho/imagem. Neste caso, a compreensão depende da relação que o leitor faz entre os recursos não verbais e os verbais de que dispõe por meio do pensamento conceitual. O trabalho com textos que empregam a linguagem não verbal é importante porque estimula o pensamento e a linguagem, potencializando a compreensão do mundo que nos rodeia. Sem esta compreensão não é possível ser um sujeito ativo na sociedade, interpretando a realidade e comungando dos significados partilhados.

Os postulados da Teoria Histórico-Cultural (Cf. VIGOTSKI, 2001) compreendem que o cérebro é estruturado pela contextualização histórica que, por sua vez, é mediada pelos processos linguístico-cognitivos. Tem importância, portanto, nessa relação, a reversibilidade de papéis discursivos desempenhados pelos sujeitos em situação de interlocução. Consideramos que é na interlocução que se dá a produção e interpretação de fatos/dados, momento em que se pode explicitar, perguntar,

comentar, repetir, responder, justificar, nomear, entre outros movimentos que contribuem para o desenvolvimento da linguagem.

Para a teoria histórico cultural o ser humano se constitui por meio das relações sociais sendo a linguagem o principal instrumento mediador, seja ela verbal ou não verbal. Esta constituição acontece tanto para indivíduos típicos ou neurotípicos, como é o caso de pessoas com trissomia do cromossomo 21 (T21), foco desta pesquisa. Entretanto para os indivíduos com T21 esta constituição torna-se um desafio tendo em vista as alterações orgânicas chamadas por Vigotski (1997) de primárias relacionadas à condição síndrômica e secundárias, que são referentes às suas consequências sociais, ou seja, sua realização sociopsicológica.

A leitura de tirinhas por pessoas com Trissomia do Cromossomo 21 (T21) perpassa por desafios de diferentes ordens, pois solicita do sujeito um certo grau de abstração e generalização, conceitos que nem sempre foram trabalhados com eles em sua vivência na escola. Desta forma o sujeito com T21 poderá necessitar da intervenção do outro fornecendo-lhe “pistas” para a formulação de sentidos. Vigotski sinaliza que o que uma criança/jovem faz com ajuda do outro hoje, fará sozinho amanhã.

Sendo assim, este trabalho objetiva refletir acerca da compreensão de tiras não verbais da Turma da Mônica por jovens com Trissomia do cromossomo 21, identificando as dificuldades existentes e elencando as estratégias de intervenção mais efetivas. Este trabalho está dividido em seis seções, a saber: i) informações introdutórias, ii) discussão sobre o gênero textual tiras, iii) apontamentos sobre a teoria histórico-cultural, iv) percurso metodológico, v) discussão sobre como as pessoas com T21 compreendem as tiras e, por fim, vi) as conclusões sobre os dados coletados.

## **2. Especificidades do gênero tiras**

Os gêneros textuais fazem parte de nosso cotidiano nos mais diversos espaços. Marcuschi (2010) pontua que os gêneros textuais estão ligados ao sujeito por meio das práticas históricas e culturais, auxiliando-os com as atividades do dia a dia. Outrossim, os gêneros denotam bastante pelas especificidades linguísticas em seu caráter comunicativo, cognitivo e institucional, já que eles estabelecem e integram culturas diversas (Cf. MARCUSCHI, 2010). Diante disso, percebemos que os gêneros não

são unidade estanques e podem ser utilizadas em situações para as quais não foram originalmente criados, mas que promovam a interação entre sujeitos e distintas situações comunicativas.

Conforme Marcuschi (2010), a possibilidade de adaptações dos gêneros permite que surjam novos gêneros, situação que ocorreu com o gênero Tira. A história em quadrinhos, enquanto gênero, subdividiu seu estilo, possibilitando a criação da Tira, objeto deste estudo. Ela se constitui em média por um a quatro quadrinhos, podendo apresentar conteúdos que, por meio do humor ou ironia, estabelece sentidos, normalmente por apresentar uma linguagem, rica em interjeições, ilustrações e vocabulários reduzidos. Essa economia vocabular atrai leitores para uma leitura rápida e divertida, conforme salienta Marcuschi (2008, p. 150), “esse aspecto tático da construção do gênero, sua interpretação e uso é provavelmente um dos fatores mais relevantes para dar conta de sua popularidade atual no campo dos estudos do discurso e da comunicação”.

O gênero Tirinha apresenta uma oportunidade de leitura de uma narrativa simples, rápida e objetiva que dispõem de uma reflexão ao comportamento humano por meio do humor ou da ironia. De acordo com Costa (2009), o leitor exercita sua imaginação movendo mentalmente as imagens.

É possível verificar as peculiaridades do gênero Tirinha como a sua construção e seus elementos humorísticos e irônicos no trabalho do cartunista Maurício de Souza, que apresenta como personagem principal a Mônica, uma menina sagaz e valente que a todo o momento é instigada por seu amigo, o Cebolinha.

### **3. *Vigotski: a compreensão como processo social***

Com o intuito de esclarecer como ocorre a compreensão de signos verbais e não verbais, dentro de uma situação discursiva, Vigotski (1986) destaca que a aprendizagem não se desenvolve sem a interferência do mundo externo e tudo que faz parte dele. Desse modo, é correto afirmar que a compreensão de um enunciado, seja ele verbal ou não, é resultado da situação relacional/intencional que parte do adulto, pessoa já competente no domínio da linguagem, e que estabelece por meio de atividades enunciativas o compartilhamento de elementos culturais dentro de uma perspectiva que visa à compreensão de seu interlocutor. Isto é, ele não “fala por falar”, seu funcionamento é intencional e, desta forma,

propicia a apropriação de sentido pela criança pequena ou por pessoas com dificuldades de desenvolvimento de suas funções mentais superiores. Assim, a linguagem, instrumental e sistematizada, implica em desenvolvimento e estruturação tanto da linguagem como do pensamento, que por sua vez estruturará o funcionamento cerebral como um todo. Conforme Leontiev (1984), um dos autores que fazem parte da Troika vigostskiana<sup>2</sup>,

[...] o resultado do processo de apropriação de significados historicamente elaborados e que esse processo transcorre na atividade da criança, em meio à comunicação com aqueles que a rodeiam. Ao ir empreendendo umas ou outras ações, chega a dominar as correspondentes operações que em sua forma comprimida, idealizada, estão representadas justamente no significado. (1984, p. 112)

Assim, ao apropriar-se de significados já existentes no universo cultural, o sujeito não apenas assimila um conceito ou significado, mas torna-se capaz de construir outros mediatizados por seus pares ou pelo adulto. Como resultado desse processo, o sujeito experimenta um avanço cognitivo se tornando mais eficiente em pensar ou agir autonomamente. Logo, redimensiona seu entorno cultural, transformando-se e transformando por meio do instrumento linguístico e da apropriação de significados e conceitos.

Outro ponto do uso dos signos verbais e não verbais como constitutivos do processo de apropriação de conceitos e significações é que cada sujeito pode observar um aspecto de uma imagem ou enunciado, utilizando conceitos adjacentes de seu cotidiano. Desse modo, se temos, por exemplo, uma figura de uma personagem fazendo um gesto com os lábios, isso pode significar assobio pra um e sopro pra outro. Nesse sentido, torna-se importante a ampliação do contexto pelo adulto; dando pistas, levantando hipóteses que façam o sujeito pensar em outras possibilidades de significação. Objetivamente falando, se houver uma limitação de entendimento, causada por uma pobreza lexical ou mesmo pelo pequeno repertório cultural ou de experiências culturais, torna-se imprescindível que o adulto intervenha de forma a potencializar esta compreensão. A psicologia histórico-cultural nos leva a pensar a consciência e aprendizagem inseridas em uma psicologia dialética. Sobre esta questão, Vigotski afirma que

[...] o desenvolvimento dos conceitos científicos há de apoiar-se de modo indispensável em um determinado nível de maturação dos conceitos cotidianos, que não podem ser indiferentes à formação dos conceitos científicos devido ao que a experiência direta nos ensina (VIGOTSKI, 2001, p. 194)

Por esta razão é que a apropriação de conceitos e significações não pode ser alcançada sem que circunstâncias internas e externas estejam em diálogo, ou sem que haja um construto maturacional orgânico e cultural. Tal entendimento vem ao encontro de outros conceitos importantes da Psicologia Histórico-Cultural: o primeiro é o da zona de desenvolvimento proximal, na qual Vigotski (1986) esclarece que o nível de desenvolvimento real caracteriza o desenvolvimento mental retrospectivamente, enquanto a zona de desenvolvimento proximal caracteriza o desenvolvimento mental prospectivamente. A compreensão da zona de desenvolvimento proximal é que vai determinar a melhor forma de fornecer suporte ao sujeito aprendiz, desafiando seus processos internos. Já o segundo diz respeito às leis que explicam o funcionamento das regiões corticais desenvolvidas por Luria (1981). Na prática isso implica em dar ao sujeito o estímulo adequado para sua idade e maturação sociocognitiva, ou ainda, se houver atraso deste processo, estimular para que o indivíduo se desenvolva até onde seu potencial seja capaz de alcançar. Desse modo, a linguagem assumirá o papel de fenômeno social impregnado de significados que possibilita uma melhor compreensão do mundo e o amplo desenvolvimento do sujeito.

#### **4. Materiais e métodos**

Os dados foram coletados ao longo de um trimestre por meio de encontros realizados por vídeochamadas, utilizando a plataforma *Google Meet*, com oito jovens com T21, integrantes do Grupo Fala Down Jovens, vinculado ao Laboratório de Pesquisas e Estudo em Neurolinguística (LAPEN), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Os encontros duraram uma hora e, além dos jovens, contaram com duas pesquisadoras que conduziram as atividades propostas. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê Ética e Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (CAAE 30053220.1.0000.0055), seguindo as exigências estabelecidas pelo Ministério da Saúde sobre ética em pesquisa com seres humanos. Para preservar a identidade dos sujeitos, utilizamos as letras iniciais do nome e sobrenome.

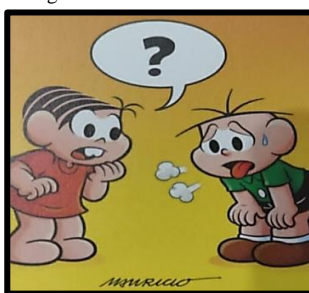
Inicialmente, ocorriam as interações entre os jovens sobre acontecimentos de seus cotidianos e, em seguida, havia a apresentação das tirinhas não verbais da Turma da Mônica. Os jovens foram solicitados a descrever as imagens, interpretando os acontecimentos expostos e elaborando possíveis perguntas que estivessem relacionadas às cenas. Con-

forme as leituras e interpretações eram expostas, as pesquisadoras do grupo intervinham fazendo novos questionamentos acerca de detalhes que não foram observados. As intervenções se iniciavam com questionamentos sobre características gerais dos personagens até chegar a aspectos mais específicos. As falas foram transcritas segundo as normas conversacionais propostas por Marcuschi (1995) e compõem o corpus do trabalho. Além disso, faz-se importante ressaltar que a pesquisa pautou-se na abordagem qualitativa (Cf. MINAYO, 2008).

## 5. Resultados e discussão

A seguir segue um recorte das tirinhas que foram apresentadas durante os encontros, bem como as discussões realizadas.

Figura 1: Cebolinha Cansado.



Fonte: <https://turmadamonica.uol.com.br/home/>.

Após a apresentação da imagem acima ocorreu a seguinte discussão:

Quadro 1: Transcrição da discussão da figura 1.

Número	Integrante	Transcrição
1	Pesquisadora GB	O que vocês estão vendo?
2	RL, sexo feminino, 16 anos	Tem a Mônica. A Mônica tava conversando e o Cebolinha tava cansado.
3	Pesquisadora GB	Lembram que a gente falou que a interrogação representa uma...
4	RL, sexo feminino, 16 anos	Pergunta.
5	Pesquisadora GB	Então, a Mônica fez uma pergunta para o Cebolinha. Qual foi a pergunta?

6	MJ, sexo feminino, 23 anos	Ela perguntou assim “Você está cansado?”
7	Pesquisadora GB	Sim, poderia ser! E vocês acham que teria outra pergunta que ela poderia fazer?
8	KA, sexo masculino, 18 anos	Cebolinha, você está com sede?

Fonte: Dados das pesquisadoras.

É possível observar que RL conseguiu identificar os elementos gerais e personagens principais da Tirinha, obtendo de forma satisfatória a ideia proposta pela apresentação de uma linguagem não verbal, relacionando seu pensamento conceitual, sua experiência e vivências, como proposto pelos estudos de Marcuschi (2008). De acordo com o autor, o leitor reflete sobre uma situação apresentada na qual a linguagem não é fixa, mas variável e ligada a um contexto. E é considerando essa proposição que se faz necessário pensarmos que o sentido nunca estará pronto, pois ele será construído pelo leitor por meio de suas percepções e conhecimentos prévios.

Além disso, ao relatar que a personagem estava conversando, RL demonstra compreensão de um elemento importante presente no gênero tirinhas, os balões. Contudo, se por um lado há para a jovem a compreensão de que o balão apresenta a sinalização de um diálogo, por outro, é possível observar que a função linguística da interrogação é passada despercebida, uma vez que ao ser questionada o que significava a interrogação ela soube responder “pergunta”, mas não demonstrou sua apreensão na interpretação inicial. Esse dado nos leva a interpretar que a dificuldade apresentada estava relacionada ao direcionamento de atenção para todos os elementos do contexto, tendo a jovem feito uma seleção de algumas informações em detrimento de outras. Nesse sentido, Luria (1981) explica que é necessário selecionar informações no caráter da atividade consciente para que possamos melhor compreender e organizar determinadas informações. No caso dos jovens com T21 do grupo Fala Down, observamos que na seleção das informações muitas vezes elementos importantes deixam de serem apreendidos. Por outro lado, embora a função da interrogação não tenha sido aplicada ou demonstrada durante a atividade, o fato da jovem responder que o sinal de interrogação refere-se a uma “pergunta”, indica também que o domínio do conceito simbólico dado pelo sinal de interrogação foi alcançado, e este entendimento antecederá o próximo, ou seja, seu significado dentro da situação conversacional/textual. Isso nos remete outra vez ao conceito de zona de desenvolvimento proximal dado por Vigotski (1986).

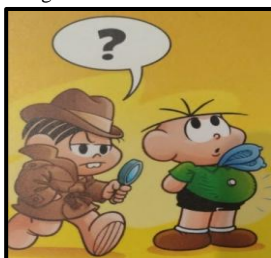


Para a Teoria Histórico-Cultural (2001) a atenção voluntária não deve ser naturalizada enquanto uma função cognitiva que nasce pronta, mas sim, como parte do desenvolvimento psíquico que se constitui no homem por meio da mediação, ocorrendo nas trocas entre os sujeitos de uma sociedade. Ou seja, se há uma seleção de informações não condizente com o esperado para a idade de uma pessoa é necessário que o outro aponte os caminhos para que novos percursos cognitivos comecem a ser estabelecidos e possam, posteriormente, ser generalizados.

Dando continuidade aos dados obtidos por meio do *Quadro I*, ao serem questionados sobre uma pergunta que poderia ser atribuída à situação da personagem Mônica, situação para além da linguagem não verbal já compreendida, MJ respondeu com algo que aparece de forma evidente que é o cansaço do Cebolinha. Ao continuarem sendo questionados se existiria ainda uma nova possibilidade, KA apresentou uma pergunta utilizando outros recursos para sua elaboração. Para questionar se o Cebolinha está com sede, ele precisou se basear nos elementos expostos na imagem como também recorrer às informações de que quando corremos ou estamos muito cansados nós podemos ter sede, associando à sua experiência de outras situações, com diferentes redes de associações e encaideamento de ideias. Sem o novo questionamento, KA não teria buscado outros recursos para fundamentar o seu pensamento e a leitura da Tirinha ficaria limitada à imagem visualizada. Ou seja, antes de determinar o limite da capacidade de organizar uma ideia é necessário que situações de reflexão sejam oportunizadas para que os aprendizados ocorram. Algo que ainda consideramos importante destacar é que, para Vygotsky (1986), o trabalho em grupo tende a possibilitar resultados mais significativos em detrimento de trabalhos individuais já que a contribuição dos pares e do adulto (pesquisador /terapeuta ) atuarão sobre a zona de desenvolvimento proximal de cada um, possibilitando novas aquisições.

Em outro momento, foi apresentada a tirinha a Mônica vestida de detetive com uma lupa na mão, enquanto o Cebolinha assobia e está com o coelho da Mônica dentro da camiseta.

Figura 2: Mônica detetive.



Fonte: <https://turmadamonica.uol.com.br/home/>.

Quadro 2: Transcrição da discussão da figura 2

Número	Integrante	Transcrição
1	JO, sexo masculino, 21 anos	A Mônica e o Cebolinha.
2	AM, sexo feminino, 36 anos	A Mônica virou um detetive para seguir as pistas.
3	Pesquisadora GB	E o que a Mônica vestida de detetive está procurando?
4	RL, sexo feminino, 16 anos	Eu sei o que é. O Cebolinha está com dor de barriga e estava soprando.
5	JO, sexo masculino, 21 anos	O Cebolinha colocou dentro na boca.
6	Pesquisadora SM	Vocês estão achando que o Cebolinha engoliu o coelho da Mônica? Olha que ele está assoviando, como algumas pessoas fazem quando querem disfarçar algo...
7	AM, sexo feminino, 36 anos	Tô achando que o Cebolinha está aprontando com a Mônica. E ele escondeu esse coelhinho e a Mônica está procurando.

Fonte: Dados das pesquisadoras.

Inicialmente, os integrantes do grupo ficaram limitados a descreverem os elementos não verbais relacionados a conceitos mais gerais, como as vestimentas relacionadas à profissão de detetive. Voltaram-se mais para os elementos concretos, visuais, sem abstrair para os elementos que estavam indiciados na tirinha. RL percebeu o movimento na boca da personagem Cebolinha, contudo, a sua interpretação foi relacionada à dor, associando a barriga inchada como “dor de barriga”, sem se atentar que as orelhas do coelho estavam por baixo camiseta do Cebolinha. JO também realizou a leitura dos elementos não verbais da mesma forma, compreendendo que o Cebolinha teria engolido o coelho e não “escondido”. Mais uma vez, é possível ver como a atenção voluntária seleciona de

forma inadequada os elementos necessários para uma interpretação adequada do contexto global.

Após a intervenção da pesquisadora SM, retomando a ideia de “assobiar” pela relação com disfarçar uma situação, esconder algo, AM conseguiu reelaborar seu pensamento e interpretou de forma satisfatória, correspondendo às expectativas. Nesse sentido, o outro que busca intervir na linguagem de uma criança ou jovem com deficiência precisa primeiramente compreender a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) proposta pela teoria vigotskiana (2001). A noção da ZDP implica tanto em requisitos para a avaliação da criança quanto em uma análise de quanto o sujeito que está sendo investigado pode se beneficiar do direcionamento que recebe do pesquisador, ou seja, o que nos interessa aqui não é somente o que o jovem consegue realizar sozinho, mas o que ele faz com a ajuda do outro, como indica Vigotski, com a ajuda do outro ele vai além.

Em ambas as tirinhas, podemos observar que o sentido do texto foi construído mediante a intervenção das pesquisadoras que colaboraram para o aprimoramento das competências textuais dos sujeitos. Conforme afirma Costa (2009), as atividades de interpretação exigem a observação de todos os elementos da tirinha na construção de sentido, ou seja, uma generalização. É importante ressaltarmos que o sentido será construído considerando diversos fatores, os quais atuam dentro de um processo interativo, ou seja, as tirinhas, enquanto gênero amparado no processo interativo, colaboram no desenvolvimento linguístico desses sujeitos, além de aprimorar suas competências comunicativas.

## **6. Considerações finais**

Os resultados obtidos por meio dos encontros realizados com os jovens do grupo Fala Down, com as vídeochamadas e as atividades com Tirinhas, evidenciam a dificuldade de jovens com T21 em realizar a leitura das Tirinhas observando pequenos detalhes que se tornam significativos para a interpretação, com consequentes progressos na capacidade de abstração e de relação dos fatos a ideias elípticas. Com as intervenções realizadas pelas pesquisadoras, os jovens conseguiram avançar em suas redes de associações de ideias e demonstrando consolidar novos repertórios.

Os dados corroboram com a Teoria Histórico-Cultural quando demonstram que, por meio da interação com o outro/orientador e de um

contexto problematizador, é possível que jovens com T21 atendam às expectativas quanto à leitura de elementos não verbais presentes nas Tiras. Se os processos das funções mentais superiores serão organizados ao longo da ontogênese, os desafios serão importantes para que as pessoas com T21 utilizem o seu potencial cognitivo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, S. R. *Dicionário de gêneros textuais*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

LEONTIEV, A. *Actividad, consciencia y personalidad*. México: Cartago, 1984.

LURIA, A. R. *Fundamentos de Neuropsicologia*. São Paulo: EDUSP, 1981.

MARCUSCHI, L. A. *Gêneros textuais: o que são e como se constituem*. Recife: UFPE, 2010.

\_\_\_\_\_. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_. *A. Relações entre texto falado e texto escrito: semelhanças e diferenças*. Recife: UFPE, 1995.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2008.

VIGOTSKI, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, L.S. *Aprendizaje y desarrollo intelectual em la edad escolar*. In: LURIA, A.R.; LEONTIEV, A.N.; VIGOTSKI, L.S. *Psicologia y pedagogia*. Madrid: Akal, 1986.

\_\_\_\_\_. *Defectologia: obras escogidas V*. Madrid: Visor, 1997.